

PROJETO PET NA ESCOLA: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ANTIBULLYING ATRAVÉS DA ARTE E REFLEXÃO

PROYECTO MASCOTA EN LA ESCUELA: EDUCACIÓN ANTIRRACISTA Y ANTI-BULLYING A TRAVÉS DEL ARTE Y LA REFLEXIÓN

*PET PROJECT AT SCHOOL: ANTI-RACIST AND ANTI-BULLYING EDUCATION
THROUGH ART AND REFLECTION*



José Jairo VIEIRA¹

e-mail: jairo.vieira@uol.com.br



Alicia Lopes CHAGAS²

e-mail: coreurb63@gmail.com



Dandara de Jesus SOUZA³

e-mail: gorniclaudio@letras.ufrj.br



Gabriela de Araujo SAMPAIO⁴

e-mail: nayarasilva.ns674@gmail.com



Mauricio Alexandre de CARVALHO⁵

e-mail: nathaliassantos2019@gmail.com



Claudio Aroldo da Paixão MEDEIROS⁶

e-mail: claudiomedeiros.arj@gmail.com



Shirleia dos Santos PEIXOTO⁷

e-mail: speixoto.adv@gmail.com

Como referenciar este artigo:

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professor Titular da UFRJ e Permanente dos programas de Pós-graduação em Educação e de História Comparada (UFRJ). Professor Visitante da Universidade de Aveiro, Portugal. Pós-doutorado em Educação da Universidade Federal do Pará.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Licencianda em Física da UFRJ.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Licencianda em Letras da UFRJ.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Licenciada em Letras da UFRJ.

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Licenciando em Letras da UFRJ).

⁶ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professor do Ensino Básico. Doutor em Educação (UFRJ).

⁷ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professora do Ensino Básico. Doutoranda em Educação (UFRJ).

VIEIRA, J. J.; CHAGAS, A. L.; SOUZA, D.J.; SAMPAIO, G.A.; CARVALHO, M.A.; PEIXOTO, S. S. Projeto PET na escola: educação antirracista e antibullying através da arte e reflexão. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 25, n. 00, e024015, 2024. e-ISSN: 2594-8385. DOI: 10.30715/doxa.v25i00.19938



| **Submetido em:** 06/06/2024

| **Revisões requeridas em:** 15/08/2024

| **Aprovado em:** 27/09/2024

| **Publicado em:** 30/12/2024

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

RESUMO: O presente artigo apresenta as análises desenvolvidas pelo projeto “Construindo meu futuro sem racismo, preconceito e bullying”, realizado em uma escola pública no Rio de Janeiro, por graduandos do Programa de Educação Tutorial: Movimentos Sociais da UFRJ, em parceria com integrantes do Laboratório de Pesquisa de Corpo, Raça e Gênero (LADECORGEN-UFRJ). O objetivo do projeto foi, por meio das artes, promover um debate e reflexão entre os alunos do 1º e 2º anos sobre questões relacionadas ao antirracismo e ao antibullying. As atividades desenvolvidas foram apresentações coreografadas de poesias ou músicas, contendo uma ou todas as temáticas presentes. A estratégia metodológica foi a pesquisa-ação e os dados foram coletados através da observação, da anotação em cadernos de pesquisa. Podemos perceber como as crianças refletiram e debateram ideias voltadas para posturas e atitudes antirracistas e antibullying a partir das atividades, o que corrobora que a arte é um elemento potente para esse objetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Música. Poesia. Educação Antirracista. Educação Antibullying.

RESUMEN: *Este artículo trae los análisis desarrollados por el proyecto "Construyendo mi futuro sin racismo, prejuicios y bullying" desarrollado en una escuela pública de Río de Janeiro, por egresados del Programa de Educación Tutorial: Movimientos Sociales de la UFRJ, miembros del Laboratorio de Investigación del Cuerpo. Raza y Género (LADECORGEN-UFRJ), el objetivo fue, a través de las artes, llevar a estudiantes de 1º y 2º a debatir y reflexionar sobre el antirracismo y el antibullying. Las actividades desarrolladas fueron presentaciones coreografiadas de poesía o música, conteniendo uno o todos los temas presentes. La estrategia metodológica fue la investigación acción y la recolección de datos se realizó mediante la observación de notas en cuadernos de investigación. Podemos observar cómo los niños reflexionaron y debatieron ideas enfocadas en posturas y actitudes antirracistas y antibullying a través de las actividades, lo que corrobora que el arte es un elemento poderoso para este objetivo.*

PALABRAS CLAVE: Música. Poesía. Educación antirracista. Educación antibullying.

ABSTRACT: *This article presents the analysis developed by the project "Building my future without racism, prejudice and bullying" developed in a public school in Rio de Janeiro, by graduates of the Tutorial Education Program: Social Movements at UFRJ, members of the Research Laboratory of Body, Race and Gender (LADECORGEN-UFRJ), the objective was to, through the arts, lead 1st and 2nd students to debate and reflect on anti-racist and antibullying. The activities developed were choreographed presentations of poetry or music, containing one or all of the themes present. The methodological strategy was action research, and data was collected through observation of notes in research notebooks. We can see how the children reflected and debated ideas focused on anti-racist and antibullying stances and attitudes through the activities, which corroborates that art is a powerful element for this objective.*

KEYWORDS: Music. Poetry. Anti-Racist Education. Antibullying Education.

Introdução

O projeto “*Construindo meu futuro sem racismo, preconceito e bullying*”, desenvolvido na Escola Municipal — uma Instituição de Ensino de Educação Básica localizada na Zona Norte do Município do Rio de Janeiro, foi realizado pelos alunos do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos Sociais, que integra o Laboratório de Pesquisa de Corpo, Raça e Gênero (LADECORGEN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O projeto tem como objetivo promover a reflexão da comunidade escolar sobre temas ligados à raça, corpo e gênero. O principal objetivo desse projeto foi analisar como as instituições escolares, ao roteirizar e orientar o comportamento de seus alunos, muitas vezes contribuem para a propagação de atitudes racistas e de bullying. Nesse contexto, o artigo destaca a importância de refletir sobre as ações da escola, evidenciando sua capacidade de identificar, compreender e combater essas práticas.

As oficinas e a pesquisa foram realizadas com turmas do primeiro e segundo ano do ensino fundamental. A turma do 2º ano era composta por 24 alunos, com faixa etária entre 7 e 8 anos, enquanto a turma do 1º ano contava com 23 alunos, com idades entre 6 e 7 anos. As crianças tinham muitas opiniões sobre o racismo e bullying, mas frequentemente eram silenciadas pela forma como a instituição escolar foi estruturada, impedindo que esses temas ganhassem espaço para combate e debate. Inicialmente, a turma do 2º ano foi rotulada por alguns professores como “indisciplinada” e “bagunceira”, o que gerava a necessidade de uma intervenção mais rígida. No entanto, ao longo das oficinas, os petianos⁸ que acompanharam a turma perceberam que, ao criar um espaço de afeto, reflexão e diálogo, as crianças continuaram a extravasar suas energias, mas com o tempo passaram a perceber que o ambiente era seguro para expressar suas opiniões e refletir sobre o tema. Da mesma forma, a turma do 1º ano, a princípio, apresentou comportamentos de indisciplina e era mais retraída quanto à expressão de suas próprias perspectivas, apesar de carregar poucas vivências. Contudo, à medida que laços foram sendo construídos e as atividades propostas nas oficinas promoviam debates, reflexões e trocas de saberes, o ambiente das oficinas se tornou mais seguro e harmonioso, permitindo que as crianças compartilhassem suas experiências.

Em ambas as oficinas, a metodologia utilizada foi a de pesquisa-ação (Minayo, 2009), que se divide, resumidamente, em três fases: fase exploratória, que corresponde à entrada dos

⁸ “Petianos” é um termo adotado e utilizado pelos integrantes que compõem o grupo PET, não somente o grupo PET: *Movimentos Sociais*, mas também os demais grupos PET que atuam nas universidades.

petianos nas turmas; os trabalhos de campo, onde ocorriam as oficinas e as aulas; e análise e tratamento do material, que envolvia a análise das observações feitas em sala de aula, considerando o material documentado e o debate semanal realizado entre os bolsistas petianos.

Racismo e educação antirracista

Para conceituar o racismo, é necessário, primeiramente, compreender o que é raça. Segundo Almeida (2018), a raça não é um termo estático; ela muda de acordo com o tempo e as circunstâncias históricas. Assim, por detrás do termo “raça”, existe um conjunto de conflitos de poder e decisões relacionadas à história. Dessa forma, falar sobre a definição das raças ou raça é também falar sobre a história política e econômica da sociedade contemporânea. Compreendendo o conceito de raça, podemos debater sobre a definição do racismo.

O racismo é maneira sistemática de desriminalização que utiliza a “raça” como raiz de sustentação. Ele fornece sentido, lógica e tecnologia para as desigualdades e violências que moldam a sociedade

O racismo se materializa como descriminização racial – é definido pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou um conjunto de atos, mas um processo em que a condição de subalternidade e de privilégios que se distribuem entre grupos raciais que se produzem no âmbito de políticas, da economia e das relações cotidianas (Almeida, 2018).

De acordo com Almeida (2018), existem três concepções de racismo: a relação do racismo com a subjetividade, a relação do racismo com o Estado e a relação do racismo com a economia.

O racismo relacionado à subjetividade é entendido como uma patologia, sendo visto como um fenômeno ético/psicológico de caráter individual ou coletivo. Nessa perspectiva, o racismo é atribuído a uma irracionalidade do indivíduo que o pratica, e a ação deve ser combatida por meio de sanções jurídicas, como indenizações ou prisões. Essa concepção não admite a existência de racismo, mas sim de preconceito. Embora os termos sejam frequentemente considerados sinônimos, Almeida esclarece que eles possuem diferenças. Essa visão sustenta que não existem sociedades ou instituições racistas, mas apenas indivíduos racistas, tratando o racismo como um problema cuja culpa recai exclusivamente sobre quem o

comete. Já o racismo institucional ocorre por meio das instituições, como, por exemplo, a escola.

A concepção de racismo estrutural expõe que o racismo é fruto da estrutura social. Dessa forma, ele não se limita a atos isolados ou intenções individuais, mas está presente nas instituições e nas relações sociais, perpetuando desigualdades entre os grupos raciais. O racismo, portanto, resulta da própria estrutura social, ou seja, do modo como se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional (Almeida, 2018, p. 38).

Educação antirracista

A Conferência Internacional de Durban desempenhou um papel fundamental no combate ao racismo no Brasil. Isso porque a Declaração e o Plano de Ação da III Conferência Mundial contra o Racismo serviram de norte para as mudanças realizadas na estrutura do Estado. Para que isso ocorresse, foi necessário compreender que o racismo e a desigualdade racial se perpetuam nas instituições brasileiras. Por isso, para combater o racismo, preconceito e discriminação racial no país, foi necessária a criação de políticas públicas.

No campo da educação, o combate ao racismo avançou com a implementação da Lei n.º 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. O objetivo dessa lei é romper com práticas de discriminação racial nas escolas, promovendo o conceito de educação antirracista. Isso se justifica pelo fato de que, segundo Cavalleiro (2012), crianças de 4 a 6 anos já desenvolvem uma visão negativa sobre si mesmas. Por isso, torna-se essencial discutir as relações raciais no ambiente escolar como forma de promover uma educação antirracista. A ausência dessa discussão contribui para a perpetuação do preconceito, discriminação e racismo dentro do território escolar.

Além disso, é importante compreender que as relações estabelecidas na escola são regidas por um jogo de forças. Segundo Pontuschka (2013, p. 439), a educação sempre teve dimensão política, pois o poder se estabelece através da relação com o saber. Compreender como essas relações ocorrem na escola é fundamental para entender o comportamento do indivíduo tanto fora da instituição escolar quanto dentro dela. Os indivíduos marginalizados fora dos muros da escola continuam a sofrer discriminação no ambiente escolar, onde seus

corpos e pensamentos não são valorizados. Isso ocorre devido à detenção de poder do currículo por grupos dominantes, que pertencem à cultura branca e determinam quais conhecimentos e valores serão considerados mais importantes. Nesse sentido, é preciso reconhecer que o currículo não é um corpo de conhecimentos neutros; sua seleção está relacionada aos valores e conhecimentos dos grupos que detêm o poder.

Na escola, existem diferenças que formam subjetividades que devem ser respeitadas e trabalhadas de forma específica por professores e gestores (Costa; Queiroz; Muniz, 2024). A aplicação da lei antirracista esbarra em quatro empecilhos na escola: o livro didático, a formação continuada de professores, o currículo e o contexto político atual (Pereira Mota; Santos CRUZ, 2023). Dessa forma, torna-se necessário um esforço crescente para superar esses obstáculos e também para trazer uma nova epistemologia, um olhar decolonial, para dentro do âmbito escolar, com o intuito de promover uma educação antirracista (Ferreira; Teles; Araujo, 2023)

Da teoria à prática: as oficinas na escola

A atuação do Grupo PET em duplas na escola

As oficinas iniciaram no final de setembro, logo no início do 4º bimestre letivo. Durante os dois meses finais do primeiro semestre letivo de 2023, ou seja, de meados de junho até o mês de agosto, os petianos planejaram previamente como ocorreriam as oficinas, desde a ida à escola semanalmente até as dinâmicas e atividades realizadas em cada oficina, incluindo a poesia ou música trabalhada para a coreografia da apresentação final. As duplas de petianos do 1º e 2º ano se organizaram para planejar as dinâmicas e as atividades para os encontros e oficinas, além dos ensaios e o tempo restante livre para as atividades recreativas de Educação Física.

De maneira geral, as oficinas foram ministradas durante os tempos em que os alunos tinham aulas de Educação Física, pois o Professor Cláudio Medeiros, nosso coorientador e coordenador do projeto, cedeu seu tempo de aula para que pudéssemos realizar as atividades planejadas, debatidas e propostas. Esse fator trouxe, além da tarefa de elaborar uma apresentação coreografada para as turmas do 1º e 2º ano do ensino fundamental, o desafio de conciliar o tempo da oficina com o tempo da aula. No entanto, foi um desafio que, através do diálogo com as crianças, conseguimos resolver ao chegar a um acordo para realizar as

atividades recreativas de Educação Física logo após terminarem as dinâmicas e o ensaio proposto para a oficina naquele dia.

Utilizando a metodologia de pesquisa-ação (Minayo, 2009), anteriormente mencionada, o trabalho desenvolveu-se em três fases principais: a fase exploratória, os trabalhos de campo e a análise e tratamento do material empírico documentado.

A fase exploratória consistiu em conhecer o campo de pesquisa, que, neste caso, era a escola e a sala de aula, além de familiarizar-se com a turma e os alunos que participaram do projeto. Nesse período, elaboramos e concretizamos, de maneira mais efetiva e objetiva, o planejamento das oficinas e das atividades reflexivas que seriam aplicadas ao longo do período.

Na fase dos trabalhos de campo, iniciamos a implementação das dinâmicas e atividades planejadas, bem como os ensaios, realizados em partes, para a coreografia da apresentação final. Durante as oficinas, observamos e analisamos o comportamento e as falas das crianças, fomentando debates e reflexões conduzidos pelos petianos em sala de aula.

Por fim, a análise e o tratamento do material documentado ocorreram em dois momentos. O primeiro momento consistiu na elaboração de relatórios logo após os trabalhos de campo, documentando todas as atividades e eventos das oficinas. O segundo momento ocorreu no laboratório, onde reunimos os depoimentos sobre as vivências de cada dupla de petianos, juntamente com artigos ou textos teóricos. Esse processo não apenas permitiu a troca de experiências, mas também gerou novas reflexões e possíveis soluções para os desafios e problemáticas enfrentados ao longo do projeto.

A atuação da dupla de petianos do 1º ano de EF (Ensino Fundamental)

Na turma do 1º ano, composta por alunos de 6 a 7 anos, os petianos Alicia Lopes Chagas, graduanda em Física pela UFRJ, e Maurício Alexandre de Carvalho, graduando em Letras também pela UFRJ, atuaram às quartas-feiras, no turno da tarde, entre 13h30 e 14h40. Durante esse período, ao longo de cinco oficinas realizadas no 4º bimestre letivo, propusemos a criação de uma coreografia para uma poesia de autoria própria. A temática escolhida abordava reflexões sobre o preconceito e também era voltada ao combate ao bullying.

A ideia para o poema surgiu após a segunda oficina, já que a primeira foi prejudicada pela realização de um conselho de classe. Nesse dia, apenas duas alunas estiveram presentes, o

que impossibilitou uma troca significativa ou a realização de um trabalho de campo efetivo. Diante disso, limitamo-nos a auxiliá-las em atividades escolares do material didático.

Na segunda oficina, tivemos a oportunidade de conhecer melhor os alunos. Pedimos que cada um dissesse seu nome, idade e o que desejavam ser quando crescessem. Em seguida, propusemos que desenhassem um autorretrato associado à profissão que almejavam no futuro. No entanto, como era nossa primeira oficina de fato, não tínhamos certeza se poderíamos registrar esse momento. Na esperança de que os desenhos fossem utilizados para a criação de um mural na escola, deixamos os trabalhos lá, mas, até o momento, não sabemos onde foram armazenados. Apesar disso, documentamos mentalmente os diversos desenhos, que eram bastante coloridos e representavam variadas profissões, como "veterinário", "delegada de polícia", "jogador de futebol" e "trabalhador de uma empresa".

Esse último desenho, em particular, despertou nossa curiosidade, pois era feito por um aluno quieto e tímido, que parecia preferir interagir conosco, da dupla, a se relacionar com os demais colegas da classe.

Imagem 1 - Registro de Oficina



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Ainda durante a primeira oficina, os alunos demonstraram um comportamento bastante agitado, com muitos se levantando das carteiras e correndo pela sala. Além disso, houve episódios de agressividade, tanto verbal quanto física. As agressões verbais consistiam em apelidos pejorativos, que refletiam discursos intolerantes e ofensivos relacionados à aparência

física e à personalidade dos colegas, caracterizando comportamentos de bullying. Exemplos dessas ofensas incluíam termos como “dente de coelho”, “cocudo” e “quatro-olhos”. Apesar de não se tratar de ofensas racistas ou discursos intolerantes voltados a minorias, esses comentários causaram preocupação, levando-nos a repreender as atitudes dos alunos.

A agitação geral tornou desafiadora a execução das dinâmicas e atividades previamente planejadas para as oficinas. Como não estávamos habituados a lidar com um ambiente tão tumultuado, enfrentamos vários impasses, incluindo o uso de quase metade do tempo da oficina apenas para tentar captar a atenção dos estudantes. Ao final, conseguimos refletir minimamente sobre o problema do bullying e conhecer melhor a turma. Posteriormente, realizamos uma análise do ocorrido e buscamos desenvolver estratégias e dinâmicas pedagógicas que facilitassem o engajamento dos alunos nas atividades propostas.

Na terceira oficina, após discutirmos e processarmos melhor os acontecimentos da semana anterior, o petiano Maurício compôs uma poesia com o objetivo de estimular a reflexão sobre o bullying e promover a valorização da identidade de cada um. O poema recebeu o título **“A Estrela Brilhante”**.

A Estrela Brilhante

*Cada criança é uma estrela no céu da
vida
Brilhando com sua luz única, sem
preconceito ou ferida*

*Cada criança é uma luz de alegria
Luzes diferentes, mas todas únicas*

*Cada criança é uma luz de amor
Trazendo felicidade seja onde for*

*Cada criança é uma luz de esperança
Que faz o futuro, e que muda o mundo*

*Somos crianças
Somos estrelas
Somos brilhantes
Somos únicos
Somos futuro!*

(Mauricio Alexandre de Carvalho, 2023).

Azevedo *et al.* (2018) definem a poesia como uma estratégia didática eficaz para o ensino e a reflexão. Afinal, a poesia é linguagem, e a linguagem poética, dotada de significantes

e significados, comunica algo para quem a ouve, promovendo uma reflexão sobre o tema abordado. Nesse sentido, o autor utilizou a metáfora “estrelas brilhantes” para se referir às crianças, atribuindo-lhes a ideia de singularidade e brilho próprio. Palavras-chave como “preconceito” e “feridas” foram escolhidas para destacar que cada indivíduo é especial, reforçando a importância de evitar ofensas ou indiferenças em relação ao outro.

Os últimos versos da poesia foram pensados para serem proclamados coletivamente em voz alta, como um coro. Essa parte não foi coreografada propositalmente, buscando gerar um impacto diferente. Assim, além dos significados transmitidos pelas palavras, a entonação e a força do coro também se tornaram elementos de comunicação e expressão.

Para captar a atenção dos alunos durante as dinâmicas, adotamos estratégias como cantar músicas populares da plataforma “TikTok®”. Essa abordagem despertava a curiosidade deles e facilitava a introdução das temáticas debatidas.

Outro fator importante foi a escolha do figurino para o dia da apresentação, ainda nesse mesmo dia de oficina. Os petianos sugeriram algumas opções de cores, como azul, laranja e amarelo, mas as crianças, unânimes, quiseram roupas “coloridas”. Diante disso, decidimos segui-los quanto a essa escolha, que foi bem melhor, inclusive; afinal, o que representa melhor a diferença, a beleza e o brilho do que roupas coloridas que vestem e se combinam? Sendo assim, foi uma escolha muito interessante e que remeteu uma reflexão a nós, petianos.

As oficinas seguintes foram marcadas por ensaios da coreografia da poesia, dinâmicas de desenho, pequenos debates e relatos de experiências. Observamos progresso nos alunos, que começaram a identificar e repreender práticas de bullying ao longo das atividades. Uma dinâmica que gerou resultados significativos foi a criação de dois corredores, um formado por meninas e outro por meninos, posicionados frente a frente. Essa separação foi necessária devido à rivalidade entre os dois grupos. Nessa atividade, pedimos que os alunos se olhassem e elogiassem traços de personalidade e aparência, como cabelo, olhos e sorriso. Alguns elogiaram características como o nariz com traços afrodescendentes, o cabelo e a cor da pele.

Inicialmente, alguns alunos demonstraram muita timidez e estranharam a ideia de elogiar os colegas. Para minimizar o constrangimento, dialogamos com eles e sugerimos outras formas de elogio, como “você é muito legal” ou “você é inteligente”. Essa abordagem ajudou a criar um ambiente mais acolhedor e encorajou a troca de elogios.

As oficinas seguintes, até o dia da apresentação final, foram mais recreativas e voltadas para os ensaios das estrofes junto com as crianças. Ensinar os movimentos de dança e fazer com que as crianças os praticassem foi um desafio, mas, com esforço conjunto, superamos as

dificuldades. Aos poucos, os alunos ganharam mais confiança e segurança nos movimentos e na coreografia.

No dia da apresentação final, as turmas, incluindo a do 1º ano, estavam visivelmente nervosas, mas também animadas com a oportunidade de apresentar para toda a escola e para os responsáveis. Para aliviar o nervosismo, optamos por realizar uma oficina livre de desenho nesse último encontro, em vez de mais um ensaio, proporcionando um momento de descontração antes da apresentação.

Imagen 2 – Momentos antes da Apresentação Final



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Por fim, o momento da apresentação foi emocionante e marcante. Foi evidente o esforço e a seriedade com que a turma encarou aquele momento, assumindo suas posições corretamente, executando os movimentos da coreografia com precisão e apresentando uma ótima sincronização. Quando pronunciaram as palavras finais da última estrofe, “*Somos Futuro!*”, foram aplaudidos entusiasticamente por todos os pais e responsáveis presentes na escola. O encerramento gerou um coro espontâneo de “*viva ao 1º ano, viva ao primeiro ano*”, celebrando o desempenho e o progresso dos alunos.

A atuação da dupla de petianos do 2º ano do EF (Ensino Fundamental)

Na turma do 2º ano, composta por crianças com idades entre 7 e 8 anos, as petianas Dandara de Jesus Souza e Gabriela de Araújo Sampaio, ambas graduandas em Letras-Latim pela UFRJ, atuaram às sextas-feiras no turno da tarde, entre 15h30 e 17h. Durante esse período, realizaram cinco oficinas ao longo do 4º bimestre letivo.

No primeiro dia, antes de entrarem em sala de aula, conheceram parte do corpo escolar e foram alertadas de que a turma era considerada bagunceira. Dentro da sala, as petianas se apresentaram e explicaram as atividades que seriam realizadas nas oficinas até a apresentação final. Em seguida, perguntaram os nomes das crianças e o que elas mais gostavam de fazer. Após as apresentações, estabeleceram acordos para garantir o bom andamento das oficinas.

Posteriormente, levaram as crianças para fora da sala. No caminho para a quadra, uma das meninas negras, de pele retinta, entregou um desenho para uma das petianas, que também era negra. Acreditamos que essa demonstração de carinho tenha relação com o sentimento de identificação e a percepção de que aquele espaço era seguro para ela.

Imagen 3 – Desenho de uma aluna



Fonte: Acervo da Pesquisa.

***Super Hip Hop
Renan Inquérito***

Das quebradas mais distantes da cidade, de onde
não se esperava nada, surge algo, ou melhor, alguém
pra lutar contra as injustiças e os preconceitos.
Seus superpoderes abrem cabeças e corações,
transformam o mundo num lugar mais colorido.

Com vocês, Super hip hop.

Era uma vez alguém que nasceu faz mó tempo.
Pra trazer diversão e conhecimento
Fez uma escola na rua e virou professor
Mandou várias ideias de respeito e amor.

Rodou o mundo falou várias línguas e tal
Mostrou que a gente é diferente,
mas também é igual.

Pra uns, ele foi um pai ,pra outros um herói. Seus quatro super poderes ainda salvou todos nós.

Um, o poder de escrever e mandar uma rima.
Dois, tocar um som e poder mudar o clima.
Três, mexer o corpo quebrando na batida.
Quatro, pintar e deixar a cidade mais colorida.

Toda criança pinta
Toda criança dança
Toda criança agita
Toda criança canta
Toda criança é hip hop (hip hop)
Toda criança pinta
Toda criança dança
Toda criança agita
Toda criança canta
Toda criança é hip hop (hip hop)
Hey ô hey ô hey ô hey ô hey ô

Sou Mc, minha força é escrever e cantar
(Hey ô hey ô hey ô hey ô)

Eu sou DJ e toco som pra geral dançar
(Hey ô hey ô hey ô hey ô)

Faço grafite, pra colorir o cinza da City
(Hey ô hey ô hey ô hey ô)

Eu danço break, meu corpo quebra no som do beat
(Hey ô hey ô hey ô hey ô)

Sou Mc
Eu sou DJ
Sou o grafite
Eu sou o break

Tamo junto e misturado, escuta esse som e sente.
Somos o hip hip, conta com a gente

Um, dois, três, quatro.

Toda criança pinta
Toda criança dança
Toda criança agita
Toda criança canta
Toda criança é hip hop (hip hop)
Toda criança pinta
Toda criança dança
Toda criança agita
Toda criança canta
Toda criança é hip hop (hip hop)

(2x repete)

Toda criança pinta
(Hey ô hey ô hey ô)

Toda criança dança
(hey ô hey ô hey ô)

Toda criança agita
(hey ô hey ô hey ô)

Toda criança canta
(hey ô hey ô hey ô)

Toda criança é hip hop (hip hop)
(Hey ô hey ô hey ô)

Para trabalhar a letra da música, conversamos com as crianças sobre o gênero musical hip-hop, destacando sua essência como um grito de protesto contra as injustiças enfrentadas pela população negra. Ressaltamos que a canção transmite a mensagem de que, por meio da figura do “Super Hip Hop” e dos elementos que desempenham o papel de superpoderes — MC, DJ, grafite e *breakdance*, é possível educar, inspirar e promover mudanças sociais.

Para os passos da dança, as petianas inicialmente optaram por levar uma coreografia pronta, temendo que, devido ao curto tempo disponível, não fosse possível concluir a apresentação. No entanto, ao longo das oficinas, perceberam que focar apenas no resultado final não seria benéfico para as crianças. Conforme as atividades avançavam, os alunos chegavam cansados e desmotivados com os ensaios repetitivos. Diante dessa situação, as integrantes do PET decidiram reduzir o tempo destinado aos ensaios e permitir que as crianças incluíssem suas próprias ideias na coreografia, promovendo maior engajamento e fazendo com que elas se sentissem parte do processo.

O passo escolhido foi baseado na música “*Desenrola, Bate, Joga de Ladin*”, do cantor de rap L7NNON e do grupo de funk *Os Hawaianos*, que ganhou notoriedade na rede social TikTok®. Essa atitude, como enfatiza Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, de valorizar e incorporar os conhecimentos que os alunos trazem de casa, transformou a dinâmica dos ensaios. Antes monótonos, os encontros tornaram-se mais fluidos, participativos e significativos para todos os envolvidos.

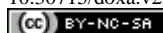


Imagen 4 – Um dos ensaios



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Durante os ensaios, pudemos observar e refletir sobre comportamentos que, muitas vezes, reproduzem, ainda que de forma não intencional, racismo e preconceito. Um desses episódios envolveu uma docente que, antes de iniciar uma das oficinas, pediu licença e retirou três meninos negros da sala, alegando que estavam fazendo bagunça e precisavam ser punidos. Esses alunos já eram conhecidos pelo corpo docente como "bagunceiros".

Diante dessa realidade, as petianas tomavam cuidado para não adotar atitudes punitivas, buscando evitar que as crianças fossem ainda mais estigmatizadas.

Em um dos ensaios, após retornar da área externa, um dos meninos, reconhecido como o "mais bagunceiro" percebeu que faltavam figurinhas em seu caderno. Ele perguntou aos colegas quem havia pegado as figurinhas, mas ninguém respondeu. Sentindo-se frustrado, começou a gritar e exigir que as devolvessem. Uma das petianas tentou acalmá-lo, mas ele permaneceu irredutível. Somente quando ela o levou para fora da sala, ouviu pacientemente o que ele tinha a dizer, esperou que ele se acalmasse e conversou tranquilamente, o menino conseguiu se tranquilizar. Um abraço finalizou o momento, permitindo que ele relaxasse completamente.

Esses dois episódios evidenciaram para as petianas a importância de escutar e acolher as crianças, oferecendo-lhes um espaço seguro para expressarem o que sentem e pensam. Infelizmente, fora dos muros da escola, essas crianças, especialmente as negras, muitas vezes são silenciadas e repudiadas. Nesse contexto, é papel da escola reconhecer essas situações e evitar a reprodução de comportamentos discriminatórios.

Imagen 5 - Dia da Apresentação



Fonte: Acervo da Pesquisa.

No dia da apresentação, foi possível perceber que as crianças estavam envergonhadas devido ao número de pessoas na plateia, o que resultou na execução tímida dos passos da dança. No entanto, tanto as petianas quanto os alunos compreendiam que a apresentação para o corpo escolar era apenas uma etapa dentro de um processo maior de transformação do pensamento racista e de combate ao bullying.

Além disso, nem todos os 24 alunos participaram da apresentação, o que gerou uma leve sensação de decepção entre as petianas. Apesar disso, o momento foi reconhecido como um passo importante no caminho para promover reflexões e mudanças significativas no ambiente escolar.

Considerações finais

O projeto “*Construindo meu futuro sem racismo, preconceito e bullying*” se destacou como uma iniciativa transformadora na Escola Municipal, promovendo um espaço de reflexão e aprendizado sobre temas cruciais como raça, corpo e gênero. Ao longo das oficinas, os alunos tiveram a oportunidade de explorar suas emoções e experiências, desenvolvendo habilidades de empatia e respeito mútuo. Através de dinâmicas interativas, como os elogios entre meninos e

meninas, foi possível não apenas quebrar barreiras de rivalidade, mas também fomentar um ambiente de apoio e valorização das diferenças.

A metodologia de pesquisa-ação utilizada no projeto permitiu que os petianos se envolvessem ativamente no processo educativo, promovendo uma troca rica de experiências entre eles e os alunos do ensino fundamental. As oficinas foram planejadas com cuidado, considerando as necessidades e particularidades da turma, o que resultou em um aprendizado significativo. A prática de ensaios coreográficos e debates não apenas incentivou a expressão artística, mas também serviu como um meio eficaz para discutir e combater práticas de bullying e racismo dentro da escola.

As apresentações finais, por sua vez, representaram um marco importante na jornada de transformação em relação à conscientização do bullying, do pensamento racista e preconceituoso. A experiência de se apresentar diante da comunidade escolar proporcionou aos alunos uma sensação de pertencimento e realização, além de abrir espaço para reflexões sobre a importância de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor. Mesmo diante dos desafios apresentados, o projeto conseguiu promover um diálogo construtivo e significativo.

Por fim, o projeto “*Construindo meu futuro sem racismo, preconceito e bullying*” não apenas cumpriu seu objetivo de conscientização, mas também deixou um legado de esperança e mudança. As oficinas e as atividades realizadas demonstraram que, por meio da arte e da educação, é possível construir um futuro mais justo e igualitário. A experiência vivida por todos os envolvidos reforça a importância de iniciativas que promovam a reflexão crítica e a valorização da diversidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2018.

AZEVEDO, F. J. F.; CHAGAS, L. M. M.; BAZZO, J. L. S. Pensar a poesia em sala de aula: reflexões didáticas para fruir o texto poético. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, SP, v. 36, n. 74, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-09722018000300015. Acesso em: 15 jul. 2024.

COSTA, T. T.; QUEIROZ, M. V. O.; MUNIZ, E. A. Racismo e formação da subjetividade da pessoa negra: Antecedentes históricos e perspectivas da educação escolar. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 25, n. 00, p. e024004, 2024. DOI: 10.30715/doxa.v25i00.17976. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/17976>. Acesso em: 15 jul. 2024.

FERREIRA, J. M. P.; TELES, G. A.; ARAÚJO, R. L. A Lei 10.639/03 como orientação político-pedagógica para uma educação antirracista na escola: Possibilidades para decolonização do currículo. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 27, n. esp.1, p. e023014, 2023. DOI: 10.22633/rpge.v27iesp.1.17939. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/17939>. Acesso em: 15 jul. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis-RJ :Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D.G. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEREIRA MOTA, M. E.; SANTOS CRUZ, J. A. Mapeamento Sistemático da literatura sobre a Lei 10.639/03, do Parecer CNE/CP 3/2004 e seus impactos insatisfatórios na BNCC. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 16, n. 00, p. e023006, 2023. DOI: 10.26843/ae.v16i00.1244 . Disponível em: <https://ouci.dntb.gov.ua/en/works/45vjNajl/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SANTOS, M. A. "Pós-Durban": a importância da Conferência Mundial de Durban para o combate ao racismo no Brasil (2001-2014). 2019. 64 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) — Faculdade de Direito, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** O presente trabalho foi realizado com apoio da UFRJ.
- Financiamento:** Recebeu recursos no formato de bolsa PET-FNDE, PQ-CNPQ, Print-CAPES.
- Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.
- Aprovação ética:** Não aplicável.
- Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- Contribuições dos autores:** A contribuição dos autores ocorreu na concepção, planejamento, análise, interpretação textual, redação e revisão intelectual crítica e trabalho de coleta de dados, tendo todos se responsabilizado pela aprovação final do texto para publicação.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

